

Uma verdadeira agressão ao bom senso em economia

Herbert Levy (*)



A obstinação do governo em manter o curso de sua política econômica financeira, fechando os olhos para as graves consequências que ela acarreta, não pode ser aceita.

Já vimos alguns exemplos de quebraadeiras impostas pelas taxas de juro. Quando a insolvência atinge setores de atividade privilegiados, como as usinas de açúcar, algo de muito errado acontece. O exemplo da Usina Santa Lydia, que com outras duas empresas a ela ligadas requereu concordata há poucos dias, entretanto, dispensa maiores explicações quando o seu advogado apresenta, entre as razões da insolvência, "a cobrança de 100% ao ano de juros nos financiamentos bancários". É inadmissível que isso aconteça num país civilizado e com um governo respeitável como o nosso. É verdadeira agressão ao bom senso.

Quando, em sua primeira página, este jornal, na edição do dia 25, noticiou o fato excepcional de a insolvência atingir o setor sucroalcooleiro, também registrou a seguinte e autorizada opinião: "Para João Carlos Caruso, diretor-superintendente da Sociedade das Indústrias Sucroalcooleiras do Estado de São Paulo (Sucrep), a concordata de uma usina com meio século de tradição poderá ter efeito psicológico de retração num mercado que já vive uma situação bastante complicada". E mais adiante informou: "Os

usineiros da região de Ribeirão Preto foram surpreendidos ontem pela notícia do pedido de concordata da Usina Santa Lydia, da Santal Equipamentos S.A. e da Sociedade Agrícola Santal Lydia (empresas do mesmo grupo), feito na terça-feira na 5ª Vara Cível da cidade. Juntas, as empresas faturaram cerca de R\$ 56 milhões.

"A Santal é uma das vinte maiores fabricantes de equipamentos agrícolas e uma das líderes no segmento de colheitadeiras no Brasil, com faturamento estimado em R\$ 8,5 milhões no ano passado. E a usina está entre as cinquenta maiores produtoras de açúcar e álcool, com safra projetada em 1,5 milhão de sacas e 56 milhões de litros em 1995/96", acrescenta a notícia.

**Muito poucos
setores
conseguem
escapar de
crises sérias.
Para quê?**

Agora outro dado vem a furo. Contrariando expectativas dos próprios meios oficiais de que a partir deste mês de junho a balança comercial tornar-se-ia credora, as atuais previsões oficiais são de um déficit próximo de US\$ 1 um bilhão! Quer dizer: desde novembro de 1964, quando começaram, os déficits ascendem a cerca de US\$ 6 bilhões! De onde tiraremos os recursos para pagá-los? E como é possível manter obstinadamente a cotação do real contra o dólar, desencorajando exportações e estimulando importações?

Vivíamos uma fase de indiscutível prosperidade

generalizada, motivada principalmente pela confiança nos governos anterior e neste, inatacáveis do ponto de vista moral. Mas agora muito poucos setores escapam de crises sérias. Para quê?

O exagero da política monetária não tem razão de ser quando o governo combate a corrupção e o empreguismo, corta despesas orçamentárias, prepara privatizações em muitos setores, tudo contribuindo decisivamente para a estabilidade monetária. Por que mais? Por que exagerar na dose, provocando crises indesejáveis? Para poupar alguns pontos de oscilação no real? Decididamente está errado e é inaceitável.

Nesse quadro devedor preocupante, o saldo das reservas cambiais parece auspicioso. Chegou a US\$ 42 bilhões e agora ainda se situa acima de US\$ 30 bilhões. Mas, infelizmente, trata-se de dinheiro para especulações bolsistas e não para investimentos reprodutivos. O famoso dinheiro quente, que em nada nos interessa. Mas que está dando lucros extraordinários aos especuladores de fora.

Basta lembrar que as bolsas em 1993 deram lucro líquido de 60% e em 1994 um pouco menos. Quanto isso vai custar ao País quando os investimentos bolsistas forem liquidados e o principal e lucros forem remetidos para o exterior?

Faço caloroso apelo ao realismo e bom senso do governo para que aja decisivamente no sentido de corrigir esses absurdos.

(*) Presidente do Conselho de Administração deste jornal.